



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright 2010
ISSN 1887-4606
Vol. 4(2) 184-206
www.dissoc.org

Artículo

**Estratégias discursivas na construção da
representação social da alteridade: um
discurso intolerante nas primeiras décadas
do século XX**

*Discursive Strategies in the construction of social
representation of otherness: an intolerant
discourse in the first decade of the 20th century*

Alexandre Marcelo Bueno
Departamento de Linguística
Laboratório de Estudos sobre a Intolerância
Universidade de São Paulo

Resumo

A presença de imigrantes no Brasil suscitou, desde o seu início, uma diversidade de discursos a respeito dos benefícios e dos malefícios dessa presença para a sociedade brasileira. Parte desses discursos apresenta, assim, estratégias para transmitir uma postura preconceituosa e intolerante em relação a diferentes formas de alteridade, não se limitando, em muitos casos, à construção da imagem negativa de imigrantes. O intuito deste trabalho é o de examinar o uso de algumas estratégias discursivas (como a metáfora, a comparação e o argumento de autoridade) na construção da representação social dos imigrantes japoneses em um discurso produzido nas primeiras décadas do século XX no Brasil. Da mesma forma, este trabalho mostrará como esses recursos discursivos são utilizados para a formação de uma representação negativa de índios, de negros e de judeus.

Palavras-chave: imigração japonesa, preconceito, racismo, metáfora.

Abstract

The presence of Immigrants in Brazil produced a diversity of speeches regarding the benefits and the harms of their presence for the Brazilian society. Part of these discourses presents, therefore, strategies to transmit a prejudice and an intolerant posture concerning different forms of otherness, not limiting, in many cases, to the construction of a negative image of immigrants. The intention of this work (here, we intend to examine) is to examine the use of some discursive strategies (such as metaphor, the comparison and the argument of authority) in the construction of social representation of the Japanese immigrants in a text produced in the first decades of the XX century in Brazil. Likewise, this work will show how these discursive strategies are used for the formation of a negative representation of Indians, Blacks and Jewish.

Keywords: japanese immigration, prejudice, racism, metaphor.

Introdução

Os sentidos históricos a respeito do processo imigratório brasileiro remetem, freqüentemente, a alguns temas fixados pela reiteração de suas ocorrências. Desses temas, destacam-se os seguintes: as dificuldades encontradas pelos trabalhadores imigrantes na agricultura, as superações dessas dificuldades e as contribuições desses estrangeiros na formação econômica e cultural do país.

Contudo, há um outro lado dessa história da imigração não tão conhecido. Assim, determinados grupos encontraram resistências de segmentos da sociedade brasileira (quando não do próprio Estado brasileiro), que apresentavam diferentes motivos para essas ressalvas ao mesmo tempo em que explicitaram seus próprios interesses. Não foram poucos os casos em que houve uma extrapolação dos limites que separavam críticas bem fundamentadas de puros preconceitos e intolerâncias explícitas em relação aos imigrantes e a outras minorias.

Especificamente neste trabalho, trataremos de um discurso preconceituoso, intolerante e racista contra os imigrantes japoneses, foco principal do texto analisado. No entanto, veremos também como o preconceito do autor se estende a outros grupos, como os negros, os índios e os judeus.

Antes mesmo do início do processo imigratório japonês para o Brasil (que começou em 1908), já existiam discursos que associavam a presença dos japoneses a temas como o “perigo amarelo”, a “formação de quistos étnicos” e o “caráter inassimilável do nipônico”. Dezem (2005) mostra que a gênese do discurso anti-nipônico surgira em meados do século XIX, em países como os EUA, em decorrência dos problemas gerados pelo tráfico de *coolies* (chineses). O discurso anti-nipônico teve, por consequência, seu ponto culminante nas primeiras décadas do século XX, quando uma série de trabalhos acadêmicos, artigos de opinião e outros discursos contra os imigrantes japoneses surgiram nos EUA, no Peru e no Brasil (Dezem, 2005: 185-204).

Os anos compreendidos entre 1908 a 1936 foram marcados por uma ampla discussão da sociedade brasileira, que procurou estabelecer critérios claros para a limitação de entrada de determinados grupos imigrantes (principalmente de trabalhadores japoneses). Como aponta Lesser (2001), além da imagem de que os japoneses seriam inassimiláveis (e por isso haveria o perigo da formação de “quistos étnicos”), havia ainda o receio da “mongolização” da sociedade brasileira por meio da miscigenação. Entretanto, ao lado desses receios em relação ao imigrante japonês, a elite brasileira alimentava o desejo de copiar o modelo econômico e social

japonês para, enfim, solidificar o desenvolvimento econômico brasileiro (2001: 159).

Dessa maneira, mesmo com discursos contrários à presença de japoneses no Brasil, havia setores da sociedade interessados em trazer imigrantes japoneses para o trabalho na lavoura. Em algumas situações, os interesses econômicos, principalmente dos fazendeiros de café, se sobreponham às “possíveis ameaças” dessa presença no país, pois havia a idéia de que o Japão seria um atraente mercado para a produção excedente de café das lavouras paulistas (Dezem, 2005: 118-119).

As discussões sobre os benefícios ou os malefícios advindos da presença de trabalhadores japoneses continuaram depois do início da imigração japonesa no Brasil¹. Como nos mostra Takeuchi, em 1914 surgiu a imagem da ameaça à integridade nacional por meio de discursos sobre a “ameaça amarela”. Essa ameaça se referia à formação de um Estado estrangeiro de origem japonesa dentro do Estado brasileiro, a partir da presença de colônias de imigrantes japoneses. Por isso, parte da sociedade brasileira defendia a idéia de que o governo não deveria fazer tantas concessões aos imigrantes japoneses (como, por exemplo, permitir a formação de colônias constituídas apenas por imigrantes de origem japonesa). A consequência dessa idéia foi a proposta de restrição da entrada desses estrangeiros, além de submetê-los a um maior controle (Takeuchi, 2007: 40-41).

Na década de 1930, ocorreram novas tentativas de se proibir a entrada de mais imigrantes japoneses no Brasil. Essas tentativas tiveram como palco a Assembléia Nacional Constituinte, que ficou encarregada de elaborar uma nova constituição para o país. Dentre os deputados contrários à presença de japoneses em solo brasileiro, três se destacaram: Miguel Couto, Antonio Xavier de Oliveira e Arthur Neiva. Por coincidência, ou não, esses três deputados tinham formação médica e atuavam em universidades ou em instâncias burocráticas relacionadas à saúde (Takeuchi, 2007: 44-52).

Por essa razão, esses deputados, de forma geral, utilizavam argumentos raciais (para não dizer racistas) para justificar sua postura contrária à imigração japonesa. Além disso, segmentos da elite brasileira, como um reflexo tardio de algumas idéias do século XIX, defendiam a formação de uma sociedade predominantemente branca e cristã. E são justamente esses os principais pontos defendidos pelo discurso de Celso Vieira, autor do texto intitulado “Colonização Japonesa”², capítulo publicado em seu livro *Aspectos do Brasil* (1936).

O discurso de Celso Vieira apresenta a peculiaridade de reunir, em um único texto, três momentos distintos de seu ponto de vista a respeito da imigração japonesa no Brasil. A primeira parte do texto está datada com o ano de 1908; a segunda, 1915; e, por fim, a terceira parte aparece com o ano

de 1936 (data também da publicação do livro que contém a reunião desses três textos). Assim, nesses três textos, o autor desenvolveu, baseado em uma postura preconceituosa e intolerante, os aspectos negativos sobre a vinda e a presença dos japoneses no país, assim como uma imagem negativa do Japão e da sociedade japonesa.

Os textos mostram, de forma esparsa e pontual, o preconceito do autor contra outros grupos sociais (como os índios, os negros e os judeus). Além disso, o autor apresenta um projeto de nação baseado na “raça” branca e nos valores cristãos e lusitanos que deveriam ser defendidos para “benefício da sociedade brasileira”.

Ao abordar o tema da formação racial da sociedade brasileira, o discurso de Celso Vieira reverbera as teorias raciais presentes no contexto social brasileiro do século XIX. Dessa feita, há em seu discurso uma clara hierarquização das “raças”, na qual o autor defende uma suposta superioridade da raça branca em oposição à inferioridade da amarela e da negra. Essa hierarquização está presente em diferentes teóricos raciais europeus do século XIX, cuja influência na elite “pensante” brasileira do período é mostrada nos trabalhos de Schwarcz (1993) e Dezem (2005).

Antes de analisarmos o discurso de Celso Vieira, apresentaremos as bases teóricas de nossa análise. Utilizamos, de um lado, a tipologia das interações proposta por Landowski (1997), que tem como base a semiótica de linha francesa. Esse modelo nos servirá para compreendermos como se forma a relação de Celso Vieira, tomado como representante de uma classe da sociedade brasileira, com a alteridade, apresentada pela imagem dos imigrantes japoneses e demais grupos sociais que não se enquadram no padrão social defendido pelo autor (como já citamos anteriormente). De outro lado, recorreremos a algumas noções da Análise Crítica do Discurso, sobretudo a desenvolvida por Van Dijk, para compreendermos como algumas estratégias discursivas são utilizadas pelo discurso para construir uma representação negativa da alteridade.

Pressupostos teóricos: relações entre Análise Crítica do Discurso (ACD) e Semiótica Discursiva de linha francesa

A partir do momento em que um determinado discurso constrói uma imagem (positiva ou negativa) da alteridade, ele acaba, de certa maneira, construindo sua própria identidade. Entre esses dois pólos – identidade e alteridade – encontramos o fio que os liga e que pode ser chamado de interação. Evidentemente, essa interação ocorre dentro do próprio universo de significação instaurado pelo discurso e não por uma prática “material” (o que não quer dizer que devemos negar a relação do discurso com o mundo

que ele recorta e atribui significação). Para compreendermos como a interação entre identidade e alteridade ocorre no discurso de Celso Vieira, nos valem da teoria semiótica do discurso, na esteira dos trabalhos de Eric Landowski (2002).

Em seu livro *Presenças do Outro* (2002), Landowski elabora uma tipologia das relações entre identidade e alteridade a partir dos conceitos de conjunção e disjunção³. Essa tipologia tem o mérito de prever diferentes formas de interação da identidade com a alteridade: assimilação (conjunção), exclusão (disjunção), adesão (não-conjunção) e segregação (não-disjunção). Na assimilação, a identidade integra a alteridade que, por seu lado, deixaria de lado os seus elementos definidores para passar a fazer parte das características da identidade. Na exclusão ocorre o contrário: a identidade promoveria uma total separação da alteridade justamente por considerar incompatíveis os elementos do outro. A separação estaria presente também na segregação, mas seria como na exclusão, pois haveria um distanciamento que não eliminaria um mínimo de relação entre identidade e alteridade. Esse distanciamento estaria presente também na adesão, mas ela difere da segregação porque a identidade reconheceria e respeitaria os elementos que caracterizam a alteridade, sem tentar promover o seu apagamento (ou seja, a alteridade não precisaria deixar de ser alteridade para manter uma relação mais completa com a identidade) (Landowski, 2002: 8 *et seqs*).

A alteridade, nesse modelo, não é considerada como uma firma fixa. Isso quer dizer que a alteridade apresenta suas próprias estratégias para se relacionar com a identidade. Essas estratégias são baseadas nos mesmos conceitos de conjunção e disjunção: o esnobe (conjunção), o dândi (disjunção), o camaleão (não-conjunção) e o urso (não-disjunção). O esnobe seria a alteridade que deseja ser assimilada, ou seja, que estaria disposta a renegar os elementos de sua origem para se integrar completamente à identidade dominante. Desejo contrário encontra-se no dândi, que quer se manter totalmente excluído da esfera da identidade por se considerar, geralmente, melhor e superior ao grupo dominante. O camaleão procuraria manter uma relação com a identidade, mas sem perder os traços que o caracterizam. O urso, por sua vez, quer manter seus valores e ser reconhecido por isso, o que o leva a manter uma certa distância da identidade por não estar disposto a perder nenhum de seus valores (Landowski, 2002: 37 *et seqs*).

As estratégias da identidade e da alteridade são orientadas por determinados valores. Dentre as formas possíveis desses valores, podemos observar que o preconceito e o racismo são elementos presentes em muitas situações do convívio social, sobretudo quando há uma predisposição da identidade em manter uma suposta integridade dos traços que a definiriam.

Por essa razão, entendemos ser necessário desenvolver algumas questões relacionadas principalmente ao racismo. Para isso, nos basearemos nos postulados teóricos da Análise Crítica do Discurso e, sobretudo, nos estudos sobre o discurso racista de Van Dijk (2008a; 2008b).

A Análise Crítica do Discurso (doravante ACD) visa examinar o discurso enquanto um produto de contextos sociais, culturais e históricos, direcionados por formações ideológicas e desigualdades sociais⁴ (Pedro, 1997: 21). Em outras palavras, a ACD entende o discurso como resultado de um sujeito dotado de um determinado papel social (idem: 20), conceito a partir do qual podemos entender o papel do contexto na ACD (uma vez que nele estão envolvidos posições hierarquizadas de classe social, idade, profissão, valores, interesses e crenças e, principalmente, as formas de controle dessas categorias). Dessa forma, é no contexto que ocorre a instauração de formas de poder, sobretudo por meio da linguagem.

Por esse motivo, um dos objetivos da ACD é o de analisar o poder e, principalmente, o abuso de poder⁵. Esse abuso de poder ocorre, por exemplo, em discursos sexistas e racistas (Van Dijk, 2008b: 10), reproduzindo as relações desiguais de poder em um determinado contexto, nas quais o grupo dominante (ou seja, a elite que controla os meios de produção dos discursos) procura defender seus interesses ao mesmo tempo em que cria uma imagem negativa daqueles que estão fora do grupo, isto é, os Outros. Esses discursos, por sua vez, não podem ser dissociados do meio onde são produzidos e dos sujeitos que o produzem, principalmente em seu aspecto interacional.

O discurso racista apresenta algumas características gerais, que aparecem em qualquer gênero no qual ele é veiculado: ênfase dos pontos negativos da alteridade, assim como sua repetição no discurso; uso de estereótipos na descrição da alteridade; seleção de determinadas palavras e uso de pronomes demonstrativos que marcam uma distância (por exemplo, “aqueles terroristas”); metáforas e hipérboles negativas; eufemismos para se referir ao racismo da sociedade receptora; e falácias argumentativas (Van Dijk, 2008a: 19).

Em outro trabalho, o mesmo autor apresenta ainda algumas outras características do discurso racista. Dentre essas características, selecionamos as seguintes: na sintaxe, se enfatiza ou se desenfatura uma determinada ação por meio de orações na voz ativa ou na passiva; referência vaga ou indireta sobre aspectos negativos da sociedade receptora; destaque excessivo para características positivas da sociedade receptora e para aspectos negativos da alteridade; demais usos retóricos (metáfora, metonímia, hipérbole, eufemismo, ironia entre outros) (Van Dijk, 2008b: 136-137).

Nossa análise se deterá, principalmente, no uso de metáforas negativas que servem para construir a representação social do imigrante japonês. Não

deixaremos, contudo, de recorrer a outros conceitos se considerarmos pertinentes para uma compreensão mais completa da análise.

O conceito de metáfora é entendido pela ACD como um fenômeno lingüístico que destaca ou acoberta determinados traços daquilo que um discurso representa ou referencia. Dessa forma, a metáfora é também produto de uma determinada perspectiva que constrói o discurso de uma maneira e não de outra (Resende e Ramalho, 2006: 88). Segundo Resende e Ramalho, há três tipos de metáforas: as conceptuais, as orientacionais e as ontológicas. A metáfora que interessa para nosso trabalho é a metáfora ontológica, entendida como uma forma de organizar conteúdos abstratos de maneira categorial a partir de nossas experiências com objetos e substâncias físicas (idem: 87). Dessa forma, essa metáfora é importante para se examinar o significado ideacional de um discurso (ibidem: 88) e, conseqüentemente, a representação social de um determinado grupo.

Por meio de determinados recursos gramaticais, como a nominalização, o apagamento do agente da passiva, entre outros, os discursos podem construir determinadas representações de atores sociais. Essas representações não se limitam, contudo, ao seu aspecto lingüístico, uma vez que refletem relações de poder, ideologias e visões de mundo. Van Leeuwen (1997) apresenta uma série de operações que contribuem para a construção de representações não apenas dos grupos sociais desfavorecidos, mas também da própria elite que domina os meios de veiculação de seus próprios discursos.

De antemão, podemos dizer que a perspectiva que constrói o discurso e, conseqüentemente, as representações sociais do texto analisado, é a de um sujeito preconceituoso e racista que está em uma posição social hierarquicamente superior porque detém os meios para produzir e, principalmente, reproduzir seu ponto de vista, que é orientado pelos valores de seu grupo social. Passemos, a seguir, à análise para comprovarmos o que foi dito até aqui sobre o discurso de Celso Vieira.

O uso da metáfora na construção da representação social da alteridade em um discurso racista

No primeiro texto, de 1908, o autor mostra suas expectativas quanto à presença de japoneses no Brasil. Essas expectativas, como veremos, são revestidas de metáforas que explicitam o preconceito do autor contra o japonês. Uma vez que 1908 foi o ano inicial da imigração japonesa para o Brasil, o autor procura alertar a sociedade brasileira para possíveis problemas gerados pela presença desses imigrantes no país. Parte dessa preocupação encontra respaldo, do ponto de vista do autor, na vitória do

Japão em uma guerra contra a Rússia (em 1905), fato que criou a imagem de potência militar reproduzida em muitos discursos sobre o Japão nessa época (Dezem, 2005: 153-159).

A primeira crítica apontada no texto refere-se à alta taxa de natalidade dos nipônicos, ou seja, ao fato de os japoneses se reproduzirem em grande quantidade. Podemos inferir que, para o autor, essa alta taxa de natalidade poderia se refletir, no Brasil, em uma ameaça à integridade nacional. Essa ameaça se constituiria pelo aumento considerável e descontrolado desses imigrantes.

(01) Os primeiros mongoes encommendados ao Sr. Rio Midzuno dispersaram-se nos cafezaes de S. Paulo, emquanto o silencioso vapor, que os trouxe, demandando silenciosamente o porto, donde largou com essa primeira carga de povoadores do solo, foi abarrotar-se de outros para os despejar, silenciosamente ainda, neste deserto Brasil. Tudo em silencio, na paz como na guerra...

(...)

Aos centos, milhões, elles [os japoneses] inundariam florestas, villas, cidades, á medida que recuassem os limites da singular experiencia, e as familias aqui estabelecidas pelo contrato se reproduzissem, como entre os japonezes é de praxe, com a fecundidade assombrosa das cobaias, e accrescessem á tribu mongolica novas familias innumeraveis, na plenitude álace da mesma força reproductora (Vieira, 1936, p. 25).

No primeiro trecho, ocorre um processo de reificação (ou de coisificação) do imigrante japonês: ele é, assim, considerado apenas uma carga que será despejada em solo brasileiro. O autor renega, logo de início, os traços de humanidade desse grupo imigrante por meio dessa metáfora. Esse traço de coisificação do japonês prossegue no segundo trecho, mais especificamente na primeira frase, uma vez que o verbo “inundar” não é comumente associado a uma ação humana, pelo menos não nos termos colocados por esse discurso⁶.

É possível observar, ainda no segundo trecho, uma carga valorativa excessiva e negativa, que é gerada pela metáfora das “cobaias” quando o autor se refere à fecundidade do imigrante japonês. O discurso, dessa vez, animaliza o grupo imigrante ao associá-lo à fecundidade de animais. Mesmo sendo distinto, o processo de animalização do imigrante japonês produz o mesmo resultado da reificação: retirar os traços de humanidade desse grupo.

Precisamos fazer uma outra observação sobre o primeiro trecho: uma reiteração do léxico “silêncio” (4 ocorrências, seja como substantivo seja como adjetivo ou advérbio). Parece-nos que o autor procura destacar uma característica do imigrante japonês e do processo imigratório desse grupo. O japonês caracterizar-se-ia pelo silêncio, por não se fazer notar e, assim, mais facilmente infiltrar-se (ou, nas palavras do autor, “despejados”) para não

gerar problemas para si mesmos, já que não chamariam a atenção para, sobretudo, seus supostos propósitos.

A segunda crítica ao imigrante japonês advém, para o autor, da imutabilidade e da despersonalização, características que seriam inerentes ao japonês. Essas características derivariam do meio social de seu país de origem, e, por esse mesmo motivo, os japoneses seriam um grupo homogêneo no qual a individualidade seria limada para privilegiar o conjunto. Vejamos o trecho abaixo:

(02) Alguem observou exactamente como o japonez só adquire personalidade após a morte, constituindo em vida um atomo obscuro, integrado na molecula social – a familia. Mas a tradição religiosa e domestica, submettendo o conceito de familia ao de patria, faz dessa impersonalidade viva, em qualquer instante ou logar, o ambiente de um reducto inexpugnavel – o Japão.

(...)

Cada manhã, invariavelmente, ha 1.900 ou 2.000 japonezes a mais sobre a população da vespera, e como nas aguas do viveiro asiatico se revolve o furioso cardume, á procura de uma saida, o japonez emigra sem cessar, prolifico e terrifico... (Vieira, 1936: 27).

No primeiro trecho, o autor mostra, por meio de uma metáfora biológica (“átomo obscuro” e “molécula social”), mais uma avaliação sobre o modo de ser do japonês. A eliminação da individualidade pela força da coerção social que caracterizaria o Japão é julgada negativamente por meio do adjetivo “obscuro”, uma vez que seria algo assombroso, ao menos na perspectiva de um ocidental, ou ainda algo que procura esconder ou camuflar a subjetividade do japonês. Dessa forma, esse “átomo obscuro” não deixaria revelar sua “real” vontade ou seu “verdadeiro” desejo.

Além disso, ao utilizar esse tipo de metáfora, o autor demonstra sua filiação discursiva, a saber: o da concepção biologista para descrever os fatos sociais. Em outras palavras, quando o autor utiliza a metáfora biológica para se referir à sociedade japonesa, ele mostra que a “molécula social”, ou seja, a família, impede o desenvolvimento individual por ser a instância social privilegiada no Japão e, conseqüentemente, a individualidade (o “átomo”) é preterido (é “obscuro”). Por isso, o japonês não pode gozar da confiança do ocidental, pois ele não demonstra sua individualidade e está sempre sujeito à vontade do grupo ao qual ele está inevitavelmente ligado.

No segundo trecho, há uma nova metáfora que retoma a questão da fecundidade do nipônico, assim como o processo de animalização já utilizado, mas com a diferença de que a imagem utilizada é diferente da anterior. Tal como um cardume, o japonês procuraria meios para fugir de seu meio, justamente (pelo ponto de vista do autor) por causa da alta taxa

demográfica de seu país. Mas esse “cardume” é também um “furioso cardume”, ou seja, o autor, além da própria implicação de animalização que a metáfora produz, ainda qualifica sua metáfora para reforçar uma determinada imagem dos japoneses: a de uma coletividade violenta, furiosa e, por extensão, irracional (tal como os animais).

Além da falta de individualismo, uma outra característica da sociedade japonesa está relacionada ao fato de os imigrantes manterem os seus valores de origem, independentemente do lugar para onde emigrariam. De certa forma, essa manutenção dos valores e características de origem está relacionada à característica anteriormente mencionada pelo autor: a imutabilidade japonesa.

(03) Emigrando, a parcella humana continua a gravitar para o mesmo destino com os mesmos sentimentos, caracteres e preconceitos de raça, inalteráveis na prole, educada sob a mesma influencia japoneza em qualquer ponto do orbe (Vieira, 1936: 27).

No trecho acima, chama-nos a atenção o fato de o autor mencionar os “preconceitos de raça” que os japoneses teriam. Essa é uma forma de o autor mascarar seu próprio preconceito, uma vez que atribui essa característica à alteridade e não a liga ao seu próprio grupo, tal como aponta Van Dijk em seus estudos sobre o discurso que nega o racismo.

Ainda tratando da tendência para a alta natalidade, o autor indica que ela não é privilégio dos japoneses, pois seria uma característica encontrada em outros povos asiáticos. Por conseguinte, o texto mostra que a alta fecundidade era uma característica encontrada também na Coreia e na China. A partir de novas metáforas, o autor estende o seu preconceito a outros povos asiáticos:

(04) Sob a propria bandeira do Japão avistamos a Coréa, tumultuoso reino peninsular da *Serenidade Matutina*, onde se esbordam protectores e protegidos, mas na Coréa o processo de multiplicação amarella é também escandaloso. A Mandchuria immensa offerceria um bello pasto verdejante ás hordas famélicas, se alli não estivesse o formigueiro chinez. Toda aquella zona se reduz a um grão de areia, onde o chinez fevilha (Vieira, 1936: 28).

A metáfora do “pasto verdejante” pressupõe que animais, como bois, vacas, cavalos, ocupariam o referido espaço, mas em seguida o texto esclarece, por meio das “hordas famélicas”, que esse pasto deveria ser ocupado pelos próprios asiáticos, como se todos eles, indiscriminadamente, fossem bárbaros famintos e provocadores da desordem. Temos mais uma vez um processo metafórico de animalização dos asiáticos, no qual o autor retira determinados traços semânticos humanos para nivelá-los a animais.

No texto de 1915, aparece um novo tema no discurso de Celso Vieira: a do sentimento de superioridade do japonês em relação ao Ocidente. Esse novo tema irá reforçar os temas anteriormente desenvolvidos no texto de 1908: o da invasão japonesa e o do caráter imutável do japonês. Dessa forma, esse suposto sentimento de superioridade do imigrante japonês, serve para o autor difundir a idéia de que ao japonês só interessaria obter valores ocidentais que não influenciassem os seus valores orientais: “Mas a alma nipponica só deseja do Ocidente o que não póde affectar-lhe o orientalismo virtual” (Vieira, 1936: 33)

Por conta do predomínio desse tema nessa parte do texto, o autor defende a aliança das civilizações brancas contra a “raça amarela”. O discurso estabeleceria, assim, uma clara oposição entre Ocidente e Oriente. Se, por um lado, o imigrante japonês representa o Oriente, o Ocidente está relacionado à herança ibérica e cristã, elementos defendidos pelo autor. Conseqüentemente, ele estabelece um paralelo entre raça⁷ e religião em seu texto, criticando o fato de os asiáticos terem outras religiões, assim como desenvolvendo o tema do embate entre o Oriente e o Ocidente (tomados como conjuntos díspares e, portanto, sem nenhum ponto de contato):

(05) Pelo sangue e pela crença, pela cultura e pelo rumo, que lhes traceja a sua idéa-força, duas civilizações antagonicas surgem – a do Oriente e a do Occidente; dous signos oppostos se defrontam no espaço e no tempo. Basta lembrar como os theoristas e os videntes do militarismo antevêem a necessidade fraternal de uma alliança entre os povos da raça branca, chegado o instante supremo do conflicto.

(...)

Conservando-nos fieis ao occidentalismo da praia lusitana e ao Evangelho prégado nos sertões, nada queremos do malaio ou do mongol shintoista, evidentemente, fora das relações econômicas. O nosso posto no immenso drama das raças teria de ser determinado pela ascendencia européa (Vieira, 1936: 34-35).

O segundo fragmento desse trecho mostra que a nação brasileira idealizada pelo autor é a herdeira dos valores lusitanos e cristãos, constituída “racialmente” por brancos europeus. Ao criticar o japonês, o autor mostra, ao mesmo tempo, que os valores considerados “corretos” e “adequados” para o país são justamente os valores advindos da herança ibérica e cristã, que devem ser defendidos de tudo que lhe for contrário. Para o autor, os valores ibérico e cristão são os fundamentos da nacionalidade brasileira.

Como o autor reconhece que o imigrante japonês no Brasil é uma realidade (já que esse segundo texto tem mais de 7 anos de diferença desde a vinda do navio com os primeiros imigrantes japoneses ao Brasil), ele discute o problema da assimilação, ou seja, as possíveis formas de integrar esses

imigrantes à sociedade brasileira e, sobretudo, aos valores nacionais brasileiros.

No entanto, o autor utiliza o exemplo dos EUA para mostrar que a assimilação dos imigrantes japoneses é uma prática impossível de ser concretizada. Ele descreve como os EUA tinham criado leis mais duras e chegaram a utilizar sua força militar para impedir a entrada de imigrantes japoneses naquele país. Essas atitudes, segundo o texto, foram tomadas porque os EUA não tiveram “sucesso” em sua tentativa de assimilar os imigrantes japoneses, como podemos observar nos trechos abaixo destacados:

(06) Como abrazeirar o japonês e a sua prole? Busquemos a solução do problema nos Estados Unidos, monstruosa fornalha, onde se caldeiam os mais dispares elementos.

(...)

Transformam-se ali em bons americanos os holandeses, italianos, gregos, armênios, eslavos e escandinavos, mesmo os árabes; mesmo os turcos! Bons americanos são os negros, apesar de negros sem mistura, isolados etnicamente pelo formidando prejuízo anglo-saxônico da côr (Vieira, 1936: 35).

(...)

Mas do japonês infatigável, sorridente, minúsculo, essa dinâmica norte-americana, tão assimiladora, que em prodígios de americanismo se revela, e americanisa com estupendo vigor o sentimento das pátrias alheias, nada conseguiu extrair... senão o japonês (Vieira, 1936: 35-36).

(...)

Feito para outras emoções, outros ideais, outros gestos, ensimesma-se o japonês, surdindo como um ator dissimulado nos dramas ressoantes do teatro ocidental, fremente de concorrência e de cosmopolitismo (Vieira, 1936: 36).

No primeiro trecho, por meio da metáfora, fica claro o ponto de vista de Celso Vieira em relação à miscigenação (“caldeamento”): tal qual uma fornalha, mas uma “fornalha monstruosa”, os EUA receberiam todo e qualquer tipo de imigrante em seu território, e todos esses imigrantes acabariam sendo integrados, de alguma forma, aos valores da sociedade norte-americana. Essa aceitação de estrangeiros pelos EUA é condenada pelo autor porque esse país não teria, em princípio, critérios para a seleção de imigrantes (“dispares elementos”). Entendemos, assim, que a utilização do adjetivo “monstruosa” para qualificar essa metáfora se deve ao fato de a “fornalha” ser justamente o modo como os EUA integrariam esses imigrantes, ou seja, por meio de uma mistura que não apresentaria qualquer tipo de critério. O autor observa ainda que, mesmo com essa “fornalha”, os norte-americanos não conseguiram assimilar o imigrante japonês, tal como está descrito no segundo e no terceiro fragmentos. Em relação ao

comentário do autor sobre os negros, ele será visto com maiores detalhes na seção seguinte.

No quarto fragmento do trecho acima citado, o japonês é metaforizado como um ator que, como tal, dissimula e oculta (porque representa) os seis “reais” interesses quando ele passa a se relacionar com o Ocidente, também metaforizado como um teatro. Dessa forma, retomando a questão do obscurantismo e do silêncio presente no texto de 1908, o japonês seria também um dissimulado por apenas representar (ou seja, ele parece, mas não é confiável, por exemplo). O japonês seria, então, aquele que poderia esconder seu verdadeiro interesse em uma relação com o Ocidente para revelá-lo apenas quando fosse oportuno. A idéia implícita dessa metáfora é a de que o japonês pudesse esconder seus reais interesses para se aproximar do Ocidente e tirar proveito dessa relação que, conseqüentemente, prejudicaria os países ocidentais. Por conta dessa imagem do japonês, o Brasil deveria, segundo a ótica do autor, se precaver ante o perigo nipônico, seguindo o exemplo dos Estados Unidos:

(07) Sobranceando a majestade real das grandes potencias, os Estados Unidos temeram a infiltração nipponica e antepuzeram á torrente do exodo amarello o dique intransponivel de uma lei, apoiada pela frota Evans e pelas vedetas esparsas, Hawai ás Philippinas, que vieram consolidar-lhe a posse do isthmo. Não seria de bôa politica e de bom aviso, para o Brasil sem armas, desprezar semelhante exemplo, attrahis semelhante perigo (Vieira, 1936, p. 37).

Mais uma vez, encontramos a metáfora da “torrente”, na qual, por meio de uma hipérbole, o autor intensifica o fazer migratório do japonês: não se trata apenas de uma simples mudança de país, quando se refere à imigração japonesa, mas sim uma torrente e, como toda torrente, uma ação forte, violenta e impetuosa. Para se precaver dessa ação “violenta”, o governo norte-americano “constrói”, sob a ótica do autor, um “dique intransponível” para impedir a entrada desses “elementos”. Essa metáfora (“dique intransponível”) também representa a força do governo americano, algo que o governo brasileiro não possuía, mas cuja postura deveria adotar, segundo o ponto de vista do autor. Nesse aspecto, o autor não poupa críticas a suposta benevolência do governo brasileiro em relação aos imigrantes japoneses.

No trecho a seguir, fica evidente que o ideal de nação do autor para o Brasil não abre espaço para a diversidade. Em outras palavras, a diversidade seria um aspecto negativo para a constituição “racial” e cultural brasileira, como na metáfora aplicada à sociedade norte-americana que vimos acima. O autor critica a homogeneidade do povo japonês, mas é justamente uma homogeneidade o que ele almeja para o Brasil, com a diferença de que ele

não seria constituída a partir de uma matriz oriental, mas totalmente ocidental, baseada em indivíduos brancos e nos preceitos cristãos:

(08) Conforma-se tudo quanto prenunciei, ha 28 annos: isolamento da raça e a incompreensão do meio dissociam da vida brasileira, cada vez mais, o nipponismo dessa corrente immigratória. Não sómente nos faltam relações de consangüinidade e cultura, mas também affinidades psychologicas e sociaes. Diversificam nossas almas, como nossos idiomas (Vieira, 1936: 37-38).

Esse isolamento decorreria de uma falta de consangüinidade e de cultura que impediria qualquer forma de relação e integração dos japoneses no país. Ele exemplifica seu ponto de vista com a presença de escolas japonesas em solo nacional, templos budistas e até mesmo polícias nipônicas nas colônias, ou seja, é o caso do Estado dentro do Estado.

Por serem assim duas homogeneidades distintas – a japonesa e a brasileira – convivendo no mesmo espaço, mas sem qualquer contato de diálogo. Mas essa ausência de diálogo é, segundo a ótica do autor, culpa dos japoneses, pois não existiriam quaisquer traços em comum para se estabelecer uma relação. De certa maneira, essa perspectiva retoma a oposição entre Ocidente e Oriente, que o autor já havia mostrado, mas com a diferença de que essa oposição estaria vivamente presente em solo brasileiro.

Onze anos depois, no texto de 1936, o autor retoma algumas de suas reflexões a respeito da imigração japonesa, enfatizando as isoladas “colônias japonezas e budistas” presentes no país. Podemos entender que esse paralelismo entre “japonês” e “budista” é ainda uma reverberação do ideal de uma nação branca e cristã por parte do autor, mesmo depois de 11 anos de diferença em relação ao último texto. Segundo Celso Vieira, toda a sociedade estaria, naquele momento, reclamando contra o perigo japonês no Brasil. Nessa parte do texto, há uma ênfase dos elementos que levaram o japonês ao isolamento.

(09) E os grupos coloniaes de raça amarella subsistem com as suas escolas, os seus templos, a sua polícia, como se fossem aldeias nipponicas, transportadas magicamente para o dominio da nossa bandeira. Ou melhor: como se fossem postos avançados de uma incursão japoneza (Vieira, 1936: 38).

O trecho acima, em sua última frase, deixa explícita uma preocupação em relação à presença japonesa no Brasil. Essa preocupação se refere a possíveis “postos avançados” e, portanto, militaristas, que poderiam ameaçar a integridade nacional brasileira. De certa maneira, essa questão militarista das colônias japonesas como postos avançados é um

prolongamento da imagem de país bélico que o autor ainda associa ao Japão. A presença desses “postos avançados” se justificaria pela fraqueza do governo brasileiro que, como vimos acima, não teve “força” para integrar ou para barrar a entrada do imigrante japonês no país.

Por causa da existência de tais colônias, tidas como postos avançados do governo japonês, o futuro do Brasil estaria ameaçado com a presença de elementos tão distintos quanto os japoneses (segundo a caracterização do autor).

(10) Desnacionalizamos assim o territorio e o futuro, ambos sacrificados pelo immediatismo das vantagens agrarias, pelo desdobramento das possibilidades mercantis, entre o Japão e o Brasil (Vieira, 1936: 38).

Além da própria “fraqueza” do governo brasileiro em assimilar os imigrantes, os problemas envolvendo a presença do japonês no Brasil seriam decorrentes da própria ambição do país, que optou por um suposto benefício econômico e imediato sem planejar ou especular sobre o futuro de sua integridade política e social. Esse trecho a insatisfação do autor em relação à política imigratória organizada pelo governo.

O autor também procura refutar possíveis argumentos contra suas idéias. Dentre esses argumentos contrários ao seu ponto de vista, há aqueles que afirmam que a presença dos imigrantes japoneses é mínima, se for considerado o tamanho do território brasileiro:

(11) Objectar-se-á que o phenomeno se opera em escala reduzida para milhões de kilometros quadrados. Argumento fragilimo, quando vemos expandir-se a immigração japoneza, acelerada por empresas nipponicas, senhoras de grande parte do Valle amazonense, mediante concessões fataes. São exactamente germes invisiveis, localisando-se num organismo de athleta, os que produzem males devastadores (Vieira, 1936: 38).

O autor mais uma vez remete à dissimulação dos japoneses ao denominá-los “germes invisíveis”, retomando também o discurso racial do qual ele era tão afeito. Além disso, ele metaforiza o Estado brasileiro com a imagem do corpo de um atleta. Como esse corpo estaria “infestado de germes”, esse seria, então, um corpo doente que precisaria de tratamento. Duas seriam as possibilidades em relação a esse “corpo”: eliminar esses “germes” ou deixá-los vivos até o ponto de se tornarem responsáveis pela derrocada do Estado brasileiro⁸.

As críticas geradas pelo preconceito de Celso Vieira não ocorrem apenas por meio do uso de metáforas. Veremos, assim, como o autor utiliza outras estratégias para desqualificar a presença dos imigrantes japoneses no Brasil.

O argumento de autoridade na construção da imagem negativa da alteridade

Uma outra estratégia utilizada pelo autor para reforçar o seu ponto de vista, visando assim convencer seus leitores a aderirem às suas idéias, é o recurso ao argumento de autoridade. A principal função dessa estratégia, a nosso ver, é citar outros textos que apresentam o mesmo ponto de vista do autor para, assim, reforçar suas idéias e os valores que ele pretende defender. Dessa forma, baseado em outro texto, Celso Vieira indica que a América Latina seria o local natural para a colonização japonesa por conta dos grandes espaços não aproveitados para a agricultura. Uma citação de Coolidge é utilizada pelo autor para mostrar que a presença japonesa pode se configurar em uma ameaça ao Brasil.

(12) A presença de um grande numero de japonezes, mesmo nos territorios de população escassa da América latina, poderá ocasionar, cedo ou tarde, algumas complicações. Tanto mais depressa virá essa agitação quanto mais celeremente prosperarem os japonezes. Aliás, a hypothese nada tem de improvavel, erguendo-se os japonezes á altura de uma concorrência muito superior á do sul-americano. Desarrazoado é imaginar que elles previnam essa hostilidade, mercê da sua modestia ou da sua identificação nacional. Com effeito, nos Estados Unidos, onde se diziam elles nossos discipulos, as recriminações mais frequentes eram contra o seu orgulho insupportavel. Que succederá em outros paizes, aos quaes aportam os japonezes, levando a certeza de uma superioridade incontrastavel sobre os indigenas? Quanto á sua assimilação, se é difficil prefigurar a metamorphose dos japonezes em bons americanos, ainda se faz preciso esforço maior de imaginação para os conceber transformados rapidamente em peruanos ou brasileiros. Por outro lado, elles não se deixariam tratar no Brasil como se fossem chins. Ora, nem sempre são respeitados em certas republicas latinas os direitos dos estrangeiros. E uma certeza devemos ter: o governo de Tokio jamais deixará de proteger os seus nacionaes em qualquer parte do mundo, jamais permanecerá de braços cruzados, quando se fecharem, uma por uma, todas as portas. Deante de um poder como o dos Estados Unidos, é comprehensivel a sua moderação, até mesmo a sua bôa vontade em ajudal-o a sair de uma situação difficil, de qualquer medida affrontosa do Equador. Fora crível que o Mikado aceitasse uma lei de exclusão, dirigida alli contra os seus subditos? Custa imaginal-o... (Coolidge, *apud* Vieira, 1936: 29-30).

Esse fragmento do texto de Coolidge apresenta alguns temas em comum com o texto de Celso Vieira: a ameaça da presença nipônica, a fraqueza do Estado brasileiro, o insucesso dos EUA na assimilação dos imigrantes japoneses, o preconceito contra os índios e a força do governo japonês.

Por meio do recurso ao “discurso da autoridade”, Celso Vieira revela que a preocupação com o imigrante japonês não é apenas sua, mas de outras

peçoas que também pensam e que se revelam atentas à presença nipônica no continente americano. Nesse longo trecho, podemos observar que Coolidge considera ser um dos problemas do imigrante japonês, justamente a sua dificuldade em ser assimilado (tema já difundido em outros escritos de Celso Vieira, como vimos acima), ainda mais em países com uma população considerada “fraca”, como a do Peru e a do Brasil.

Segundo o ponto de vista de Coolidge instaurado no texto de Celso Vieira, as populações peruana e brasileira são consideradas fracas por serem constituídas por negros e índios, revelando assim um o racismo, tanto do autor citado como de Celso Vieira, contra todos os povos que não são brancos.

Em relação à metáfora, ela se refere à força do governo japonês, que estaria sempre atento ao tratamento dispensado aos seus cidadãos em outros países. O autor utiliza a metáfora dos “braços cruzados” para deixar implícita a ameaça do governo japonês por meio da idéia (uma vez que o Estado japonês supostamente não admitiria esse tipo de atitude), o que poderia resultar em problemas diplomáticos e até mesmo militares (em decorrência do poder do exército japonês, que havia vencido a guerra contra a Rússia).

Citando um outro autor, Celso Vieira recorre mais uma vez ao tema da “ameaça amarela”, ameaça que seria vislumbrada por outros autores. Por isso, o Ocidente deveria se reunir para se precaver dessa ameaça e para se defender de um eventual ataque:

(13) Tanto para ella [a América] quanto para a Europa, quero dizer para toda a raça branca, o despertar da Asia constitue o mais grave dos perigos (DECUJIS, *apud* Vieira, 1936, p. 39)

Celso Vieira estabelece, com a citação desse trecho, uma equivalência entre o Ocidente e a raça branca. Com essa estratégia, ele pode mostrar que sua preocupação em relação à “ameaça oriental” não é fruto de seus delírios, mas sim um fato corroborado por outros autores, distantes no espaço e no tempo. Essa ameaça só não teria sido percebida pelos governantes do Brasil e caberia ao autor alertá-los para o perigo que eles estavam não apenas ignorando, mas cujo crescimento eles estavam também incentivando.

Preconceito contra outros grupos sociais: o caso dos negros, dos índios e dos judeus

Além do preconceito explícito do autor em relação aos imigrantes japoneses⁹, tema principal do texto de Celso Vieira, é possível observar

também, de forma mais esparsa, o preconceito do autor em relação a outros grupos sociais, como os negros, os índios e os judeus. De antemão, compreendemos que esse preconceito decorre do fato desses grupos não se adequarem ao ideal de nação concebida pelo autor. Esse ideal de nação é, como já vimos, composta por indivíduos brancos e pelos valores da religião cristã.

Primeiramente, veremos o preconceito do autor em relação aos judeus. No trecho abaixo, os judeus são metonimicamente constituídos como detentores do capital necessário para o desenvolvimento financeiro do país, uma vez que o autor retoma o estereótipo do judeu banqueiro e usurpador:

(14) Imobilizados sobre a enorme base territorial de uma riqueza illusoria, devemos attrahir novos homens e novos capitaes. Estes, máo grado a usura do argentario semita e a perfídia incoercível do *Financial News*, serão obtidos nasa praças da Europa, cujo mealheiro transborda, e aquelles num archipelago da Ásia, onde as reservas humanas extravasam (Vieira, 1936: 26).

Está claro que o autor apresenta uma crítica aos grupos financeiros ingleses, mas o destaque fica por conta dos judeus (“usura do argentario semita”) porque se trata de um grupo específico e não de uma empresa ou instituição, por exemplo. Além disso, ao associar a figura do judeu a finanças, o autor recupera e atualiza um dos estereótipos mais antigos associado a esse grupo.

Além dos judeus, que seriam os financistas internacionais de Estados e países, há também o preconceito de Celso Viera contra os negros e as populações indígenas, como vemos nos trechos abaixo:

(15) Supponho que é nosso intuito realisarmos um typo de collectividade occidental, mosqueada embora de negro e vermelho (Vieira, 1936: 34)

Transformam-se alli em bons americanos os holandezes, italos, gregos, armenios, slavos e scandinavos, mesmo os arabes; mesmo os turcos! Bons americanos são os negros, apesar de negros sem mistura, isolados ethnicamente pelo formidando prejuizo anglo-saxonio da côr (Vieira, 1936: 35).

No primeiro trecho, o uso do *embora* é bastante significativo. Ele revela uma espécie de ressalva feita pelo autor a respeito da constituição do que ele chama de “coletividade ocidental”. É como ele dissesse que, apesar da maioria branca, há indivíduos negros e indígenas na composição das populações ocidentais, uma espécie de concessão que ele estaria fazendo (e só o faria porque acredita estar em uma posição para realizar essa aparente “benevolência”).

Algo semelhante ocorre no segundo trecho, quando o autor tece comentários sobre a composição da sociedade norte-americana. Tanto que ele afirma que os negros são bons cidadãos americanos, mesmo não se misturando com os brancos. A idéia de miscigenação dos negros surgiu no século XIX (assim como a maior parte das idéias professadas por Celso Vieira) e seu principal intuito era o de tentar “eliminar” os negros das sociedades ocidentais, na medida em que, ao se miscigenar, os negros ficariam, progressivamente e a cada geração, mais “brancos” (essa é a base dos projetos de “branqueamento” da sociedade, seja ela brasileira ou de outro país).

Podemos, por fim, observar que todos os grupos que não se identificam com os brancos sofrem uma ressalva do autor, o que revela mais uma vez sua crença na superioridade “racial” dos brancos.

Conclusão

Retomando a tipologia das interações de Landowski (2002), vemos que o discurso de Celso Vieira se configura como o discurso da exclusão dos imigrantes japoneses, já que ele aponta a incompatibilidade dos valores em jogo, denegando os valores nipônicos e reafirmando os valores de sua sociedade de uma maneira positiva. Essa denegação estaria também na base da idéia de conflito entre Ocidente e Oriente (uma espécie de “guerra das civilizações”) cujo lado defendido pelo autor é o “branco”, europeu e civilizado, além de superior “racial” e culturalmente por deter os valores cristãos.

Em relação a outras formas de alteridade – os judeus, os negros e os índios –, o discurso é o da segregação, pois ele reconhece a relação desses grupos com a sociedade brasileira “branca”, mas atribui um papel secundário (e muitas vezes negativo) a eles, uma vez que os “brancos” estariam encarregados de conduzir o país ao progresso econômico. Assim, o discurso de Celso Vieira contra a imigração japonesa revela não apenas sua rejeição a esse grupo imigrante, mas também o seu preconceito contra outros grupos que não se encaixam na definição de “raça branca”, que é amplamente defendida pelo autor por ser a “raça” dominante no Ocidente e também por ser considerada a fundadora da nação brasileira.

O discurso preconceituoso de Celso Vieira reduz a representação social do imigrante japonês a poucos traços. Por conseguinte, esses poucos traços são colocados em uma perspectiva negativa, principalmente por meio da metáfora. As metáforas apresentadas produziram tanto um efeito de animalização quanto de reificação do imigrante japonês, ambas com o mesmo resultado: retirar os traços de humanidade desse grupo.

O texto analisado se fecha às potencialidades da alteridade que poderiam auxiliar na construção de um país melhor. Além disso, como uma forma de corroborar seu ponto de vista, o autor recorre a citações de textos de outros autores, no intuito de mostrar que sua maneira de encarar a imigração japonesa para o Brasil é a correta, pois ele está identificando os mesmos problemas e ameaças que outros autores já teriam detectado.

Felizmente, os prognósticos de Celso Vieira não se concretizaram, assim como seu preconceito não se tornou norma no Brasil, apesar de não negarmos sua existência nos dias atuais. No entanto, a não concretização de seu ponto de vista não invalida nosso trabalho, pois é dever de todos compreender como um discurso preconceituoso e intolerante se organiza, seja no passado seja no presente, para melhor combatê-lo, tendo sempre em vista um mundo menos injusto e mais solidário.

Notas

¹ O trabalho de Lesser (2001) aponta para diversos temas nos discursos dos que eram favoráveis à entrada dos imigrantes japoneses, assim como os temores e preconceitos dos que eram totalmente contrários à vinda e à permanência desse grupo no Brasil.

² Mantivemos a grafia do texto original.

³ A junção é a relação básica, no nível narrativo, que determina o modo de relacionamento de um sujeito com seu objeto (conjunção/disjunção) (Barros, 2002). No trabalho de Landowski, a relação não se faz, no entanto, entre um sujeito e um objeto, mas entre sujeitos em interação.

⁴ Mesmo tendo uma preocupação com os acontecimentos sociais contemporâneos ao desenvolvimento da teoria, acreditamos que determinados fenômenos sociais historicamente distantes podem ser analisados pela ACD porque certos acontecimentos sociais se repetem no decorrer do tempo.

⁵ Segundo Pedro (1997), um dos objetivos da ACD é a de “analisar e revelar o papel do discurso na (re)produção da dominação”, o que não difere muito da perspectiva de Van Dijk. Além disso, a própria autora mostra, no mesmo texto, que a ACD não se caracteriza por um consenso em relação a todos os objetivos, conceitos e propósitos acerca da ACD, o que consideramos algo extremamente positivo para não se cair em dogmatismos conceituais tão presentes em outras teorias do discurso.

⁶ Poderíamos pensar em uma frase como “os engenheiros inundaram a região ao abrirem as comportas da usina”. Mas fica claro que o verbo “inundar” está no lugar dos verbos “ocupar”, “colonizar” e outros.

⁷ Lenharo, se referindo a um outro momento histórico brasileiro, diz: “imigrante vem de fora, é desconhecido e estranho à substância nacional; pode ser potencialmente um elemento infiltrado de corrosão da saúde da nação. Nesse caso, o sangue é tomado como instrumental científico; o biológico tem ampla ascendência sobre o psicológico, de modo a determinar a integridade moral e cultural do cidadão. Sangue, império da raça” (1986: 113).

⁸ “As modernas metáforas de doença especificam um ideal de bem-estar da sociedade equiparado à saúde física, que é não raro antipolítico, ao mesmo tempo em que é um apelo em favor de uma nova ordem política” (Sontag, 2007: 66-67).

⁹ Segundo Lenharo, o processo imigratório brasileiro procurou ser bastante restritivo a judeus, negros e japoneses. Para negar a presença judaica, os preconceituosos utilizavam

argumentos supra-nacionais; para os negros, argumentos de branqueamento; e para os japoneses, o argumento do controle do trabalhador, uma vez que esse último grupo seria “o elemento não previsto” na formação da sociedade nacional (1986: 114).

Bibliografia

- Barros, D.L.P. (2002).** *Teoria do Discurso*. São Paulo: Humanitas.
- Dezem, R. (2005).** *Matizes do “amarelo”. A gênese dos discursos sobre os orientais no Brasil (1878-1908)*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas (Coleção Histórias da Intolerância).
- Landowski, E. (2002).** *Presenças do Outro*. São Paulo: Perspectiva.
- Lenharo, A. (1986).** *Sacralização da política*. Campinas: Papirus/Editora da Unicamp.
- Lesser, J. (2000).** *A negociação da identidade nacional – Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: Editora UNESP.
- Pedro, E.R. (1997).** “Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos”. In: Pedro, E.R. (org.) *Análise Crítica do Discurso. Uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho.
- Resende, V.M.; RAMALHO, V. (2006).** *Análise de discurso crítica*. São Paulo: Contexto.
- Schwarcz, L.M. (1993).** *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo, Companhia das Letras.
- Sontag, S. (2007).** *Doença como metáfora / AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Takeuchi, M.Y. (2007).** *Japoneses – A saga do povo do sol nascente*. São Paulo: Companhia Editora Nacional/Lazuli Editora.
- Van Dijk, T.A. (2008a).** “Introdução”. In: Van Dijk, T.A. (org.) *Racismo e discurso na América Latina*. São Paulo: Contexto.
- Van Dijk, T.A. (2008b).** *Discurso e poder*. São Paulo: Editora Contexto.
- Van Leeuwen, T. (1997).** “A representação dos actores sociais”. In: Pedro, E.R. (org.). *Análise Crítica do Discurso. Uma perspectiva sociopolítica e funcional*. Lisboa: Caminho.
- Vieira, C. (1936).** “Colonização Japonesa”. In: Vieira, C. *Aspectos do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora A Noite.

Nota biográfica



Alexandre Marcelo Bueno é mestre e doutorando em Semiótica e Lingüística Geral do Departamento de Lingüística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). Pesquisador do Laboratório de Estudos sobre a Intolerância na mesma Universidade (LEI-USP). Atualmente, realiza estágio de doutorado-sanduíche na Université Paris VIII. Contato: alexandrebueno@gmail.com